

Chegamos ao nº

# 100

Leia artigo à  
página 12

## CONCERTOS DE NATAL

Oito grupos musicais e um solista da UNESP apresentam-se, entre 18 e 29 de dezembro, na Praça do Banco Real (Av. Paulista, 1374), em São Paulo. O repertório, variado, vai da MPB aos clássicos, do jazz ao funk.



# Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
DEZEMBRO/95 - ANO XI - Nº 100

## Primeiros passos na ciência

Universidade promove VII Congresso de Iniciação Científica, em Guaratinguetá.



Monica Richier

A cobertura do evento foi feita por alunos do curso de Jornalismo da UNESP. Págs. 4 e 5

O reitor, Roquete de Macedo: jovem ciência

## Grupo lança CD e canta no Vaticano



Monica Richier

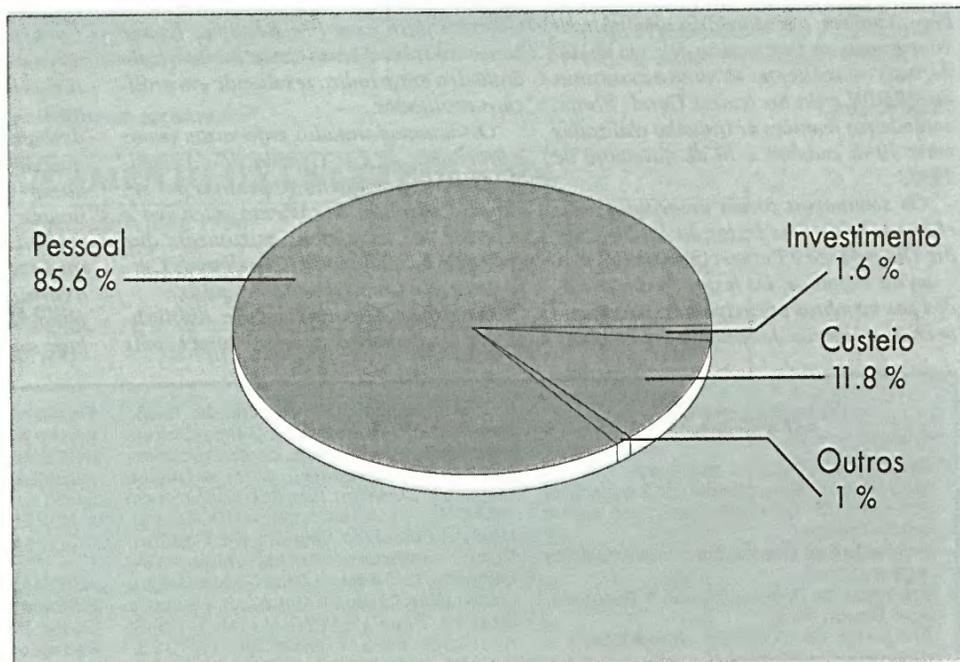
Página 9

## Bom desempenho transforma Editora UNESP em fundação

Página 6

### ORÇAMENTO

## Apertando o cinto



Lei de Diretrizes Orçamentárias de 1996 limita verbas para a Universidade

Página 3



# Orçamento será mais enxuto

**Conselho Universitário discute e aprova distribuição das verbas orçamentárias para 1996, com as restrições da LDO**

A sessão extraordinária do Conselho Universitário, ocorrida em 13 de dezembro último, pode ser considerada histórica. Na ocasião, foi aprovado, por unanimidade, o orçamento da UNESP previsto para 96: R\$ 381.626.002,00. É a maior dotação orçamentária, em termos reais, sancionada até então pelo CO, e que pela primeira vez foi amplamente discutida pelos membros do Conselho de Administração e Desenvolvimento (Cade), em conjunto com a Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo). O reitor, Arthur Roquete de Macedo ressaltou, durante sessão, que a Universidade trabalhou com números bem próximos da realidade. "Historicamente, o orçamento executado é diferente do previsto", disse. "Para 1996, em decorrência das restrições orçamentárias impostas às universidades estaduais paulistas pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), o orçamento previsto foi definido próximo do que será executado", explicou. Em junho de 1995, a Assembléia Legislativa aprovou a nova redação da LDO, que limitou o percentual de 9,57% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), destinado à UNESP, USP e Unicamp, ao valor real desembolsado no ano de 1995. Porém, com a alteração de um parágrafo da lei, ficou determinado que 25% do crescimento real do ICMS, previsto para o ano de 1996, fosse repassado às universidades.

Baseando-se na previsão da arrecadação do ICMS para 1996, que compreende o crescimento de 4% do nível da atividade econômica de São Paulo, mais 4% de ganho com a melhoria na fiscalização tributária, além de uma expectativa de inflação de 1% ao mês, a Secretaria de Estado do Planejamento fixou para a UNESP um orçamento de R\$ 381 milhões. Desse total, R\$ 9,8 milhões são receita própria. Segundo cálculos da Aplo, seriam necessários R\$ 440 milhões de recursos orçamentários para a Universidade dar continuidade aos projetos em andamento e aos compromissos já assumidos. "Portanto, R\$ 59 milhões ficaram sem fonte de financiamento", ressaltou o professor Antônio Márcio Fernandes da Costa, assessor chefe da Aplo.

#### DÉFICIT ORÇAMENTÁRIO

Segundo estudos feitos pela Aplo, com a proposta do governo o índice de participação das universidades no ICMS caiu de 9,57% para 9,03%. "Caso as estimativas se confirmem, a UNESP perderá R\$ 22 milhões de receita orçamentária", afirmou. No final de novembro último, a Aplo enca-

minhou ao Cade a proposta de distribuição orçamentária para 1996. O Conselho, formado por 22 membros, entre professores, funcionários e alunos, ofereceu diretrizes básicas para a divisão da receita e solicitou à Aplo um detalhamento maior das finanças da Universidade. Foram requeridos a decomposição dos itens investimento e custeio, o orçamento da obras em andamento e aquelas já licitadas por unidade, e foi sugerido ainda o acompanhamento orçamentário das despesas, em 1996, pelos membros do Cade. Esses dados foram apre-

sentados ao CO, no último dia 13 de dezembro. "Houve amadurecimento do Cade em traçar as diretrizes orçamentárias sem estabelecer uma camisa-de-força", elogiou o professor José Ribeiro Júnior, pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa.

A distribuição orçamentária, aprovada pelo CO tendo por base as sugestões do Cade, prevê R\$ 327 milhões para pagamento de pessoal, R\$ 45 milhões para as despesas de custeio, R\$ 6 milhões para investimentos, R\$ 3 milhões para as despesas com dívidas e R\$ 626 mil para as

sentenças judiciais (veja quadro nesta página). Na opinião do professor José Carlos de Souza Trindade, pró-reitor de Administração e presidente do Cade, a proposta atende aos interesses da Universidade. "Não houve muita flexibilidade para negociar uma divisão orçamentária diferente da que foi apresentada", disse.

A verba de R\$ 6 milhões para investimentos deverá ser destinada, prioritariamente, às obras em andamento e às já licitadas, aos projetos de informatização e de modernização das bibliotecas e à aquisição de livros e periódicos. Em síntese, isso significa que não haverá verbas para novas construções nem para reformas, além daquelas já aprovadas. Para o professor José Eduardo Junho de Araújo, diretor da Faculdade de Odontologia do campus de São José dos Campos, a falta de recursos para melhoria de laboratórios e reformas de prédios é preocupante. "Os consultórios odontológicos da nossa unidade estão precários, e isso pode causar prejuízo ao ensino de graduação", exemplificou.

#### REPOSIÇÃO SALARIAL

Nesse sentido, o reitor da UNESP explicou que as universidades públicas foram duramente atingidas pela limitação de repasses orçamentários impostas pela LDO. "Mas vamos procurar obter recursos extra-orçamentários", disse. Segundo ele, não adiantaria destinar R\$ 15 milhões para investimentos, como foi projetado pela Aplo, se não há verbas. "O Cade elaborou uma proposta realista". No que se refere ao item pessoal, está previsto para o ano de 1996 um crescimento vegetativo de 3% a 4% na folha de pagamento e reposição salarial. Segundo cálculos da Aplo, haverá um comprometimento médio com folha de pagamento de 85,7% no acumulado do ano.

Ficou decidido também, durante sessão do CO, que, caso haja crescimento na arrecadação do ICMS em 1996, no mínimo 85% desse plus deverá ser destinado para salários. De acordo com cálculos da Associação de Docentes da UNESP (Adunesp), as perdas salariais de maio a novembro de 1995 somam 15%. "Se não houver mobilização, não haverá recuperação dessas perdas em 1996", advertiu Emanuel Rocha Woiski, presidente da Adunesp. Ele considerou um avanço importante as discussões orçamentárias no Cade, na Aplo e no CO. "Sem dúvida, dessa vez a elaboração do orçamento foi feita de forma mais transparente e consideramos isso o cumprimento de uma antiga reivindicação sindical."

Tânia Belickas



**PREJUÍZO**  
Antônio Márcio: "UNESP poderá perder R\$ 22 milhões"



**DISTRIBUIÇÃO**  
Trindade: "Pouca flexibilidade para negociar orçamento"

DISTRIBUIÇÃO DO ORÇAMENTO DA UNESP PARA 1996				
Discriminação	Orçamento Necessário para 1996*		Orçamento Aprovado pelo CO	
	Valores em R\$ mil	partic. %	Valor em R\$1,00	partic. %
1. Receita Prevista	440.100	100,0	381.626.002	100,0
1.1 Quota Parte do ICMS/ Líquido (2,344%)	426.100	96,8	371.771.929	97,42
1.2 Receita Própria	14.000	3,2	9.854.073	2,58
2. Despesa Prevista	440.100	100,0	381.626.002	100,0
2.1 Pessoal e Reflexos	345.700	78,6	327.000.000	85,6
2.2 Despesa Custeio	50.000	11,3	45.000.000	11,8
2.3 Investimento	15.000	3,4	6.000.000	1,6
2.4 Despesas Dívida	29.400	6,7	3.000.000	0,8
2.5 Sentenças Judiciais	-	-	626.002	0,2

\* Valores projetados pela Aplo.

No quadro, as diferenças entre a necessidade e a realidade

# Como os a as própria

**Estudantes de Jornalismo  
cobertura do VII Congresso**

Fotos Hécio Toth



**MASSA CRÍTICA**

O reitor, Roquete de Macedo: "Matriz para a formação de futuros cientistas"

O VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, realizado no câmpus de Guaratinguetá entre os últimos dias 21 e 26 de novembro, reuniu 775 estudantes das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas. Além deles, estiveram presentes também alguns orientadores de projetos e representantes das comissões organizadoras do evento.

O encontro foi dividido em duas etapas. A primeira, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro, concentrou os trabalhos da área de Ciências Biológicas. A segunda, que aconteceu entre os dias 24 e 26, reuniu estudantes das Exatas e das Humanas. A separação entre as áreas de pesquisa se deu deste modo devido

ao número de trabalhos aprovados. Os projetos apresentados pela área das Ciências Biológicas são responsáveis por cerca de 50% do total de pesquisas desenvolvidas.

Antes de serem aceitos, os trabalhos foram enviados à comissão científica, em forma de resumos, e avaliados de acordo com seu aspecto formal e de conteúdo. Neste ano, a comissão recebeu 866 projetos, e apenas cerca de 10% foram recusados. Segundo Zanin, 380 projetos aprovados são da área de Biológicas e 395 englobam as Exatas e as Humanas. O câmpus da UNESP que mais enviou resumos foi o de Araraquara, com 178 projetos. A área que mais

**HUMANAS**

## Muito além da sala de aula

MARCELO TOKARSKI PEREIRA

Para os estudantes da área de Ciências Humanas, pesquisar significa dar um passo além dos limites da sala de aula. Na maioria dos casos, esse passo significa o ingresso em uma promissora carreira de pesquisador. O seleto grupo de estudantes que participou do VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, realizado em Guaratinguetá, é a prova conclusiva de que a Universidade Estadual Paulista quer ir além dos limites impostos pela sala de aula, empreendendo uma cuidadosa investigação dos problemas que atingem a sociedade e desdobrando-se na busca de novas soluções.

O instrumento utilizado para tal investigação é o aluno interessado em "abrir as portas da universidade para o mundo", como declara Flávia Maria Bastos, 23 anos, estudante de Biblioteconomia no câmpus de Marília, que em seu projeto, financiado pelo CNPq/PIBIC, esteve preocupada em aliar sua formação acadêmica com o mercado de trabalho. O projeto de Flávia serviu para diagnosticar problemas e apontar saídas para a sistematização de informações nas indústrias alimentícias de sua cidade.

"Muitos segmentos da sociedade acreditam que a pesquisa na área de Ciências Humanas não possui uma aplicação prática", afirma outra bolsista do CNPq, Ângela Cristina de Assis, 22 anos, do quarto ano de Geografia do câmpus de Presidente Prudente. A pesquisa de Ângela mostra justamente o contrário. O maior objetivo da aluna foi apresentar à comunidade um estudo sobre o planejamento urbano da cidade de Bauru. "A administração pública tem muito a ganhar com nosso trabalho", afirma.

**RESGATE HISTÓRICO**

De modo geral, os pesquisadores estão preocupados com as rápidas transformações técnicas e sociais ocorridas nos últimos anos. Essa preocupação tanto pode gerar uma pesquisa como a de Ângela, quanto um projeto de resgate histórico, como o apresentado no evento por Rosimar Querino, aluno de 21 anos que cursa o quarto ano de Ciências Sociais no câmpus de Marília e é bolsista PET/CAPEs. O trabalho de Rosimar pode ser descrito como uma investigação sobre a atividade do Partido Comunista

na cidade de Pompéia, a 30 km de Marília, região noroeste do Estado de São Paulo. "Tudo está mudando depressa, e as fontes começam a desaparecer na mesma velocidade das mudanças", adverte Rosimar.

Mas o empenho desses estudantes está sendo prejudicado pela falta de intercâmbio entre os pesquisadores, além de não serem realizados efetivos debates sobre as diversas pesquisas empreendidas pelos alunos. "O Congresso de Iniciação Científica é o único momento em que podemos nos encontrar. Sem ele, não haveria nenhum contato com outras pesquisas", aponta a bolsista do CNPq/PIBIC, Lília Fermine de Sá, 23 anos, quartanista de Administração Pública, que cursa no câmpus de Araraquara. Na opinião da aluna, os horários das apresentações no Congresso estão muito concentrados, o que dificulta a participação em mais de uma seção. "Esse fato torna o evento insuficiente para discussões mais profundas acerca dos temas propostos, além de impossibilitar um maior intercâmbio entre as diversas áreas do conhecimento", pondera Lília. "Com a futura integração dos câmpus da UNESP com as demais instituições universitárias do País, através da implantação da rede Internet na Universidade, tal situação tende a se modificar."

Apesar das dificuldades, o Congresso de Guaratinguetá novamente recebeu elogios no tocante ao alojamento, à alimentação e à organização. "Acredito que só falta um espaço de integração maior, como uma oficina de artes ou um grupo de estudos", reflete Lília. A estudante salienta que o Congresso é um sucesso justamente porque respeita o aluno enquanto pesquisador.

Os pesquisadores da área de Ciências Humanas, em sua grande maioria, confirmaram o desejo de seguir carreira acadêmica, através do ingresso em uma pós-graduação que possibilite dar continuidade à reflexão desenvolvida na iniciação científica.

**Marcelo Tokarski Pereira**, 21 anos, é aluno do quarto ano de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru. Apresentou, no Congresso, o trabalho *Chefes Populistas e Coronelismo Urbano na cidade de Bauru*.

**EXATAS**

## De olho na pro

FLÁVIA MILLENA BIROLI

A preocupação com as necessidades do mercado de trabalho parece ser o ponto-chave para compreender grande parte das pesquisas realizadas na área das Ciências Exatas. Em busca de uma interação entre produção e demanda, os estudantes da área dedicam-se a trabalhos de iniciação científica que possam lhes proporcionar, além de reflexão e complementação acadêmica, um espaço no cotidiano prático de indústrias, empresas e empreendimentos científicos ligados, de alguma forma, ao mercado de trabalho.

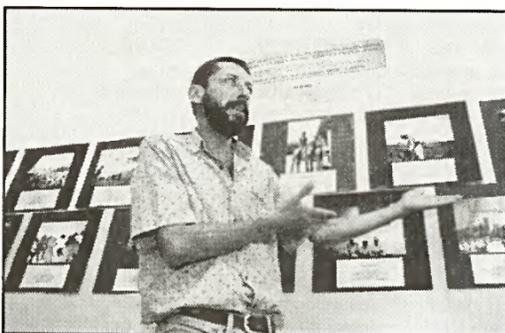
"O ideal seria encontrar, no mercado, uma empresa que me possibilitasse trabalhar e pesquisar ao mesmo tempo", comenta Tito Dias Júnior, 20 anos. Terceiranista de Engenharia Mecânica na Faculdade de Engenharia do câmpus de Ilha Solteira, Tito desenvolve um trabalho de pesquisa patrocinado pelo CNPq/PIBIC. "Para a Engenharia, a iniciação científica é essencial", comenta.

Williamson Rocha Silva, 21 anos, é terceiranista do curso de Química no câmpus de Araraquara. Com o auxílio de uma bolsa do CNPq, desenvolve pesquisa ligada ao Cepel (Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista), unidade complementar da UNESP. Seu trabalho procura determinar a composição média dos macro e micro constituintes das águas da Baía de São Vicente. "Pretendemos determinar a quantidade de metais pesados existente nas águas daquela região", esclarece, explicando ainda que, paralelamente a seu estudo, estão sendo desenvolvidas pesquisas biológicas e sociais, buscando uma solução para a poluição no local.

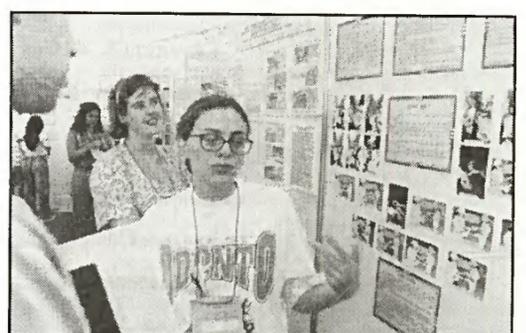
Unindo a pesquisa acadêmica à reflexão sobre o mercado de trabalho, Alio Ernesto Kemura, 20 anos, assemelha-se a muitos outros pesquisadores da área de Exatas presentes ao Congresso. Patrocinado pelo CNPq, Alio, terceiranista do curso de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET), câmpus de Bauru, tem como objeto de estudo a qualidade e o desperdício na construção civil. "Fala-se muito em qualidade, mas só se dá atenção às grandes obras. Eu gostaria que meu trabalho chamasse a atenção também para as pequenas obras", explica o pesquisador.



**SUSANA D'ÁVILA**  
Atenta às transformações da sociedade



**MANOEL DE ALMEIDA**  
Resistência negra na Chapada Diamantina



**MARIA BASSO**  
Melhor postura para o dentista canhoto



# Alunos vêm com pesquisas

do câmpus de Bauru fazem a  
de Iniciação Científica da UNESP

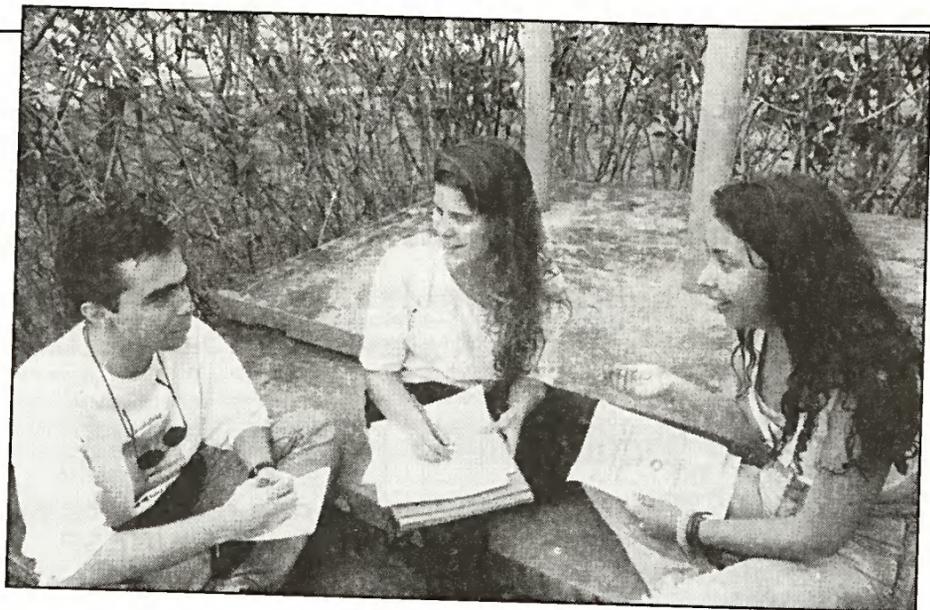
e Monica Richter

enviou trabalhos foi a Agronomia, com 90 pesquisas aprovadas.

Segundo o reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo, o objetivo principal do Congresso é aumentar a massa crítica de pesquisadores e, particularmente, de pesquisadores bem formados. "A iniciação científica tem uma importância muito grande, pois é a matriz para a formação dos futuros cientistas." O Congresso de Iniciação Científica deste ano foi considerado o melhor dos quantos realizados pela Universidade, tanto no que diz respeito à organização, quanto na apresentação dos trabalhos.

Com relação aos projetos apresentados, os elogios

não foram menores. Na insuspeita e abalizada opinião de Sérgio Missiagia, coordenador do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), o nível foi surpreendente. "Poucas vezes eu vi um evento dessa natureza com tanto rigor", avaliou. Para a presidente da Comissão Organizadora Central do Congresso, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação da UNESP, esse foi um dos melhores congressos realizados até aqui. "Ele demonstrou a importância que a Universidade dá para a formação científica dos alunos de graduação."



PESQUISA E REPORTAGEM  
Cibele Barbosa (à dir.) entrevista colegas:  
visão estudantil da iniciação científica

## fissionalização

ALÉM DO FEIJÃO COM ARROZ

Outro ponto em comum entre os pesquisadores presentes ao VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP e, desta vez, não só entre os alunos da área de Exatas, é uma visão da iniciação científica como caminho importante para a complementação daquilo que se aprende — ou daquilo que não se aprende — dentro do espaço físico de uma sala de aula.

O ingresso no mundo da pesquisa parece ser, para muitos, um salto em direção à exata compreensão do papel da universidade enquanto espaço essencial de reflexão e pesquisa. Mais do que isso, a possibilidade de uma visão mais clara das opções profissionais e acadêmicas dentro das mais diversas áreas. Luiza Amalia Pinto, 21 anos, cursa o quarto ano de Matemática da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru. Bolsista do CNPq/PIBIC, define a pesquisa como a "alternativa para fugir do feijão com arroz da sala de aula". Para Luiza, a iniciação científica pode facilitar o caminho para o mestrado. "Pretendo fazer mestrado na área de Computação. Já decidi, quero ser uma pesquisadora", declara.

"A qualidade da educação está caindo cada vez mais, e a gente tem que fazer alguma coisa para recuperar a excelência de outros tempos", comenta Octávio Bonvino, 21 anos, pesquisador do PET/CAPES e aluno do 2º ano do curso de Matemática do câmpus de São José do Rio Preto. Para Octávio, a solução para a crise educacional passa, necessariamente, por um maior incentivo à pesquisa. Para Silvia Regina Viel, também de 21 anos e igualmente bolsista da PET/CAPES, o País precisa se conscientizar da importância da formação de seus jovens. Aluna do 3º ano de licenciatura em Matemática no câmpus de Rio Claro, Silvia desenvolve estudo na área de Educação. Sua pesquisa questiona a formação dos professores que lecionam Matemática para o primeiro grau, buscando apontar alternativas para o ensino da disciplina. "Gostaria de fazer mestrado nessa área, e nós temos esse mestrado em Rio Claro", explica.

Flávia Millena Biroli, 20 anos, é aluna do terceiro ano de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru. Apresentou, no Congresso, o trabalho *A Cobertura das Eleições Presidenciais de 1994 pelo Jornal Nacional da Rede Globo*. É bolsista CNPq/PIBIC.



ROBERTO AOKI  
Medicina, bicicleta e o som de Pink Floyd

## BIOLÓGICAS

# Vida e ciência. Uma paixão só

CIBELE CRISTINA BARBOSA

Elas usam tênis, jeans e camiseta. Têm pouco mais de vinte anos, em média, e andam sempre em grupos. São curiosos, falantes, sempre inquietos. Além da paixão pela pesquisa, têm outro traço em comum: a vontade de contribuir, de alguma forma, para a evolução da ciência. Entre os dias 21, 22 e 23 de novembro último, estes futuros cientistas deixaram seus câmpus de origem e, às dezenas, rumaram para Guaratinguetá, onde participaram do VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP.

A iniciação científica, para o estudante de Biológicas, é primordial ao bom desempenho do futuro profissional. É na Universidade que, segundo os graduandos, deve surgir o interesse pela pesquisa. A finalidade de todos é poder melhorar a qualidade de vida da população, unindo a prática acadêmica ao desempenho profissional. A grande maioria desses alunos pretende aliar a pesquisa em ciência à profissão, depois de formados, para que o mercado também lucre com os avanços científicos. Segundo o professor Arthur Roquete de Macedo, reitor da UNESP, "muitos desses jovens pesquisadores fazem mestrado e doutorado e ficam na Universidade para seguir carreira acadêmica".

Para Luís Carlos Xavier, 32 anos, do segundo ano de Farmácia do câmpus de Araraquara e bolsista PAE (Programa de Auxílio ao Estudante), a iniciação científica é importante "para aplicar o que se aprende em sala de aula diretamente na Ciência, aprendendo a desenvolver uma coisa maior, mais voltada para a sociedade". Já Alessandra Scaglione, 22 anos, quartanista de Educação Física do câmpus de Bauru, tem outras pretensões: quer ampliar e valorizar a área de trabalho que escolheu. "É uma área praticamente virgem no Brasil, bastante carente de estudos atualizados e, portanto, com um vasto campo de trabalho."

### TROCANDO EM MIÚDOS

A esta altura, já cabe um lembrete aos desavisados: estes futuros pesquisadores, protótipos de cientistas, não são do tipo "bitolados", que só pensam em estudar.

Ao contrário, sabem que, isolando-se, fatalmente empobrecerão suas experiências e isso refletirá em seus trabalhos. Embora com preferências diferenciadas, adoram música, cinema, literatura — e, claro, namorar, que ninguém é de ferro. Dos entrevistados, a maioria afirmou que procura se manter informada diariamente, lendo jornais ou vendo TV. Roberto Aoki, o "Mecônio", aluno do quarto ano de Medicina no câmpus de Botucatu, 25 anos, já foi estudante de Engenharia. Entrou na Escola Politécnica da USP, mas deixou o curso quando percebeu que detestava cálculos. Em Botucatu, mora sozinho. "É muito complicado viver com outras pessoas." As horas livres são dedicadas à adorada bicicleta e ao som da banda inglesa Pink Floyd. O quartanista de Biologia Carlos Henrique de Freitas, 22 anos, também do câmpus de Botucatu, tem outras histórias para contar. Ele desenvolve projeto em Zoologia, com apoio do CNPq, e considera esta uma área pouco valorizada no Brasil. "É um paradoxo, já que temos uma das maiores biodiversidades do planeta", enfatiza. Carlos Henrique mora em república e considera esta uma ótima experiência. "É bom, porque você cresce como pessoa, aprende a conviver em grupo e saber qual é o seu espaço. Você deixa de ser egoísta."

A aluna do quarto ano de Odontologia do câmpus de Araraquara Maria Daniela Basso, 24 anos, dedica-se a estudar um problema que, segundo afirma, sente na própria pele. Maria Daniela é canhota e, com uma bolsa do CNPq, desdobra-se para descobrir as melhores posturas e posições de trabalho para o dentista canhoto. "Quem tem maior habilidade na mão esquerda geralmente é esquecida e até segregada", afirma. "Dificilmente um projetista pára para pensar nos problemas dessas pessoas." Fora da Universidade, adora MPB, bossa nova e emocionou-se "às lágrimas" com o filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*.

Cibele Cristina Barbosa, 20 anos, cursa o terceiro ano de Jornalismo na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru. Apresentou, no Congresso, o trabalho *As eleições presidenciais de 1994 segundas as revistas Veja e Isto É*. É bolsista CNPq/PIBIC.



WILLIANSON SILVA  
Metals pesados na poluída Baía de São Vicente



LUIZA PINTO  
Paixão pelos números, mesmo pelos irracionais

# Bom desempenho traz autonomia à editora

## Casa publicadora é transformada em fundação

**E**m exatos oito anos de existência, a Editora UNESP deu passos significativos em direção à profissionalização. Em abril último, em sessão do Conselho Universitário (CO), deixou de ser uma diretoria (de Publicações) dentro da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) para transformar-se na Fundação Editora UNESP, com autonomia de gerência financeira e administrativa. Este fato deveu-se ao bom desempenho da casa publicadora, que se destacou no mercado como editora universitária. Desde que foi fundada, no final de 1987, conquistou oito prêmios Jabuti e, entre 1994 e 1995, seu faturamento cresceu 80% (veja quadro nesta página). Em 23 de novembro, finalmente, o CO aprovou o estatuto da nova fundação, o que permitirá seu funcionamento dentro de três meses. O professor José Castilho Marques Neto, diretor da Diretoria de Publicações da Fundunesp, que juridicamente ainda não foi extinta, comemora o fato. "A partir de agora, a Editora terá uma agilidade maior e uma projeção mais acentuada no mercado", diz.

O estatuto, dividido em oito capítulos e elaborado pelo pró-reitor de Administração, professor José Carlos Trindade, pela assessora jurídica chefe, Sandra Julien Miranda, pelo assessor técnico do reitor, Paulo de Tarso Oliveira, e por Castilho, é enxuto e funcional. "Procuramos evitar um excesso de regulamentação, obedecendo ao próprio caráter da editora, que tem uma rotina semelhante à das empresas comerciais", explica Castilho. De acordo com ele, o regulamento é bem avançado e se baseia no modelo de funcionamento das editoras universitárias inglesas e americanas.

### AUTONOMIA DE GESTÃO

A Fundação Editora UNESP será administrada por dois órgãos: o Conselho Curador, integrado pelo reitor da UNESP, vice-reitor e por cinco docentes de diferentes áreas do conhecimento, a serem escolhidos em sessão do CO, e pela Direção Executiva, que será exercida por um diretor-presidente, nomeado pelo reitor, um editor executivo e por um superintendente administrativo e financeiro. Estas duas últimas funções serão exercidas por profissionais de mercado. Segundo Castilho, o diretor-presidente contará com a assessoria de

um Conselho Editorial Acadêmico, que será constituído pelos dez docentes do antigo CEA, que estava vinculado à Diretoria de Publicações da Fundunesp. Enquanto o Conselho Curador terá a função de fiscalizar e nortear as atividades da Fundação, à Direção Executiva caberá definir a política editorial da casa. Anu-

almente, o diretor-presidente deverá submeter à aprovação do Conselho Curador um relatório das atividades da Editora, inclusive o balanço financeiro. "Com essa fórmula, está preservada a atuação da editora nas áreas acadêmica e comercial", explica.

O percentual de 5% da verba de custeio da



**AGILIDADE**  
**José Castilho: profissionalismo**

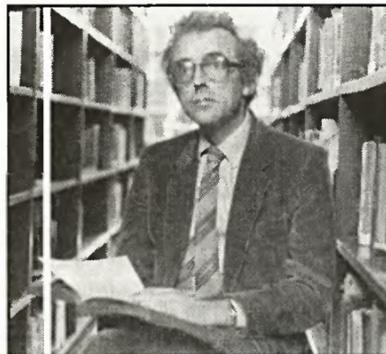
Universidade destinado à Fundunesp será dividido com a Editora UNESP. As cotas ainda não foram definidas. O professor Amilton Ferreira, diretor-presidente da Fundunesp, reconhece que os recursos antes destinados à Diretoria de Publicações não eram suficientes para cobrir os gastos. "A partir de agora, terão autonomia para gerir suas finanças e liberdade para traçar seu programa de desenvolvimento", diz.



## De olho no mercado internacional

**D**epois de, aos oito anos de existência, firmar-se como uma das mais importantes editoras universitárias do País, a Editora UNESP dá os primeiros passos no sentido de divulgar seus títulos nos mercados americano e europeu. De volta da Alemanha, onde participou da Feira de Livros de Frankfurt, em outubro último, José Castilho Marques Neto, diretor de publicações da casa, trouxe na bagagem o interesse da agência italiana Eulema, negociadora de direitos autorais, por seis títulos. "Embora ainda inicial, este acordo é importante na medida em que permitirá a divulgação do trabalho de nossos pesquisadores em todo o mundo", avalia Castilho.

Entre 32 títulos oferecidos, a agência italiana interessou-se por seis: *Silva: Quadros e Livros*, de Romildo Sant'Anna; *Uma Estranha Língua?*, de Alceu Dias



**Peter Burke: autor de Vico**

Lima; *O Cinema Operário na República de Weimar*, de Ilma Esperança; *Introdução à Mecânica da Integridade Estrutural*, de Viktor A. Pastoukhov e Herman Vorwald; *Democracia e Socialismo*, de Al-

berto Aggio; e *A Aventura Surrealista*, de Sergio Lima, único autor a não pertencer aos quadros da Universidade.

Além do acordo com a Eulema, Castilho recheou sua bagagem, em Frankfurt, com títulos de obras européias que, depois de traduzidas, deverão ser lançadas pela Editora UNESP ao longo de 1996. Uma das mais importantes é *Il Dubbio e la Scelta*, de Norberto Bobbio, de quem a editora já lançou, com enorme sucesso, *Direita e Esquerda — Razões e Significados de uma Distinção Política*. Outros volumes que passarão a integrar o catálogo da editora: *Politics, Sociology and Social Theory*, de Anthony Giddens; *Vico*, um estudo sobre a obra do filósofo italiano do século XVII, de Peter Burke; *What is Intelligence?*, de W. Khalifa; e *Amazzando il Tempo*, autobiografia de Paul K. Feyerabend.

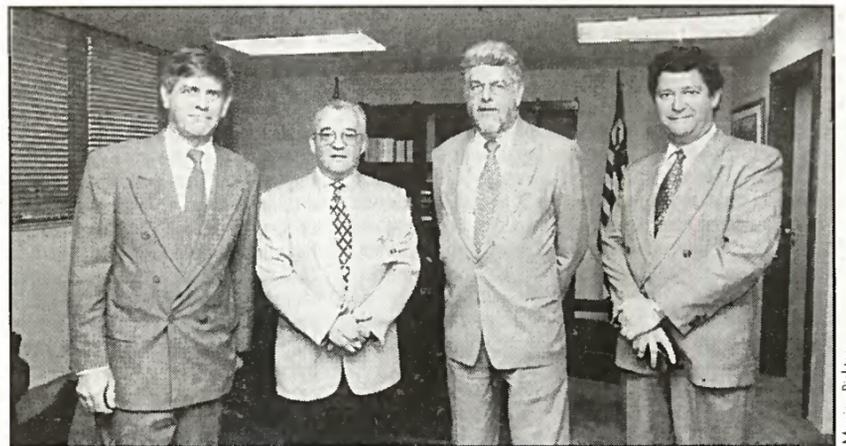
# Um centro agrícola para os sem-terra

## Universidade assina convênio com secretarias da Justiça e Trabalho para criação de centro no Pontal do Paranapanema

**A**UNESP dá a sua contribuição para o encaminhamento de soluções para a questão dos assentamentos rurais no Estado. Em novembro último, em visita à Reitoria da Universidade, os secretários estaduais da Justiça, Belisário dos Santos Júnior, e do Trabalho, Walter Barelli, debateram com o reitor, Arthur Roquete de Macedo, uma saída para o problema dos sem-terra reunidos na região do Pontal do Paranapanema. Na ocasião, foi assinado um convênio entre as três entidades, juntamente com o Instituto de Terras do Estado de São Paulo, para a criação de um centro de treinamento agrícola no canteiro de obras da usina de Taquaruçu, no município

de Sandovalina, a 635 quilômetros a Sudoeste da Capital. O centro servirá de base tanto para capacitação dos trabalhadores do Movimento dos Sem-Terra como para os colégios agrícolas da região.

Segundo o secretário da Justiça, Belisário dos Santos Júnior, estão sendo abertas negociações com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), com a Companhia Energética de São Paulo (CESP) e outras instituições, para que sejam aproveitadas as experiências desses órgãos nas questões fundiárias. Os valores dos recursos e sua origem serão os pontos a ser discutidos numa segunda reunião, em dezembro. O secretário do Trabalho, Walter



**ALCANCE SOCIAL**

**Belisário, Roquete de Macedo, Barelli e um assessor: questão fundiária**

Barelli, por sua vez, acredita que a criação do centro de treinamento agrícola vai possibilitar a capacitação de profissionais para desenvolver novas habilidades junto aos trabalhadores sem-terra. "Com isso, os agricultores já assentados e os novos poderão, com seu trabalho, atender às populações da região", avalia.

Mas o centro de Taquaruçu não atenderá apenas aos sem-terra. Ele servirá também aos que tiverem interesse em aprender técnicas modernas no manejo do campo e ainda prestará assistência aos alunos dos colégios agrícolas do Pontal do Paranapanema e de regiões vizinhas. Para isso, contará com a

ajuda dos professores dos câmpus da UNESP de Araraquara, Assis, Botucatu, Ilha Solteira, Jaboticabal e Presidente Prudente. Para o reitor Roquete de Macedo, é importante a participação da Universidade nesse projeto. "Ele é de grande alcance social, e a ação integrada das secretarias estaduais com a UNESP, tenho certeza, o levará a bom termo". O reitor entende que, pela característica multicâmpus e pela vocação assistencial de sua comunidade, a UNESP é a universidade que melhores condições tem de atuação nesta questão. "Acredito que tenhamos muito o que contribuir, sobretudo no que diz respeito à transferência de conhecimentos", avalia.



# Saltos de qualidade

**Projeto Ginástica e Trampolim da UNESP coleciona títulos e deve ir ao Canadá, disputar Campeonato Mundial**



**SUCESSO**

**Monica e Fernando: casal coordena a equipe**

Markada para a primeira semana de fevereiro, no Rio de Janeiro, a seletiva que definirá os representantes brasileiros que participarão do Campeonato Mundial de Trampolim Acrobático, em agosto, no Canadá, tem, entre os favoritos, a equipe do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro. Dela fazem parte alunos da própria faculdade e jovens da comunidade rioclarensense, participantes do projeto de extensão deste esporte no IB. A seu favor, contam principalmente os resultados obtidos pelos ginastas nas principais competições universitárias do País (veja quadro nesta página). "Além de contarmos com equipamentos e fundamentos técnicos adequados ao treinamento, temos tido a sorte de treinar alunos interessados em vencer neste novo esporte", justifica Fernando Augusto Brochado, professor daquele departamento e dirigente da modalidade nas federações brasileira e paulista.

A história do trampolim acrobático na UNESP se confunde com os próprios acontecimentos que trouxeram o esporte para o Brasil. Em 1989, quando ainda era dirigente da Confederação Brasileira de Ginástica, Fernando Brochado convidou o professor Heinz-Peter Michels, integrante da Federação Alemã de Ginástica, a ministrar um curso de trampolim no IB. "Na bagagem, o alemão trouxe dois trampolins oficiais e os presenteou à faculdade", conta Brochado.

**A GALERIA DOS CAMPEÕES**

A coleção de troféus do projeto Ginástica e Trampolim da UNESP aumentou com os títulos obtidos em 1995. Confira os principais resultados:

- Campeão paulista adulto\* masculino e feminino de trampolim
- Campeão paulista adulto masculino e feminino de duplo mini-trampolim
- Campeão paulista infantil masculino de trampolim e duplo mini-trampolim
- Campeão paulista pré-mirim feminino de trampolim
- Campeão paulista de trampolim sincronizado em adulto feminino, juvenil masculino e feminino e mirim masculino
- Campeão brasileiro adulto feminino de trampolim
- Vice-campeão brasileiro adulto masculino
- Campeão brasileiro juvenil masculino de trampolim sincronizado
- Vice-campeão brasileiro juvenil feminino de trampolim sincronizado
- Campeão brasileiro mirim masculino de trampolim sincronizado

\* Pré-mirim, até 10 anos; mirim, até 12; infantil, até 14; juvenil, até 17; adulto, a partir de 18.

O interesse pelo esporte começou a crescer em São Paulo e em outros Estados. Desde então, cursos de treinamento e arbitragem, apresentações de atletas estrangeiros e competições são cada vez mais constantes no País. Na faculdade, além de ter se tornado matéria optativa no curso de Educação Física, foi incluída nos projetos de extensão, coordenados por Brochado e sua esposa, a também professora de Educação Física Monica Maria Viviani Brochado. Há, na equipe, pouco mais de cem atletas, quinze dos quais estudantes da faculdade.

**BONITO E SUAVE**

O trampolim acrobático é executado em trampolins e minitrampolins. No primeiro caso, o ginasta deve realizar exatos 10 saltos, fazendo movimentos, combinados ou não. No minitrampolim, o ginasta se aproxima do aparelho correndo, salta, faz uma evolução e volta ao solo. Na categoria sincronizada, dois atletas se apresentam em aparelhos colo-



**TALENTO**

**Bruno, Melissa, Maria e Acauã: time campeão**

cados lado a lado. Nos dois casos, a performance deve ser realizada respeitando-se os limites de movimentos impostos pela regulamentação da Federação Internacional.

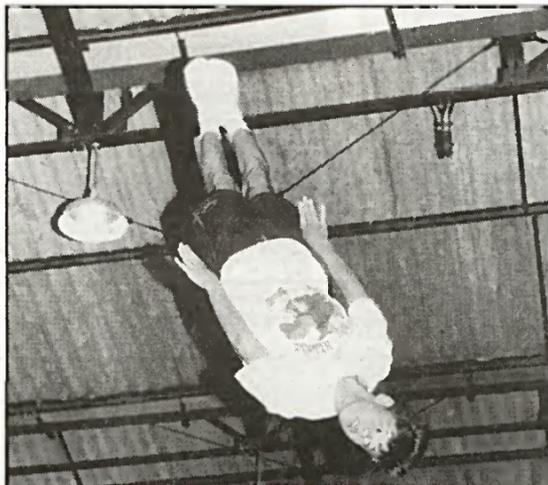
Aos adeptos não faltam motivos para justificar o rápido sucesso que este esporte tem alcançado no Brasil. "Além de ser plasticamente atrativo, o trampolim acrobático exige menos sacrifícios físicos e psicológicos que a ginástica artística", explica Brochado. "Cansei de ver garotos se machucando e comprometendo seu corpo na ginástica artística". Com ele concorda a terceiroanista do curso de Educação Física do IB, Maria Dilailça de Oliveira, 23 anos. "Fazia ginástica artística, mas troquei pelo trampolim por considerá-lo mais suave", revela a aluna, que é a atual campeã paulista adulta de estilo sincronizado e uma das mais destacadas candidatas à vaga para o campeonato mundial. Os estudantes Melissa Novaes Bueno, 17 anos, Bruno Luiz Dezan, 15, e Acauã Brochado, 14, filho de Fernando e Monica, fazem coro à colega. "É um esporte mais prazeroso", resume Acauã, campeão brasileiro e paulista juvenil de sincronizado. "É um esporte sem limite de idade para ser praticado, que melhora a coordenação motora, o equilíbrio do corpo, o espírito de equipe, a perseverança, o reflexo, a memória e a criatividade, além de contribuir para um melhor controle emocional", enumera Monica.

**Waltair Martão**



**CANADÁ É A META**

**Melissa: esforço nos treinos para o mundial**



**FORÇA E EQUILÍBRIO**

**Acauã: coordenação e criatividade são fundamentais**



**SINCRONIA**

**Maria: a convivência entre os estudos e o trampolim ...**



**... só é possível graças à suavidade do novo esporte**

Fotos Monica Richier



POSSE



EMPOSSADOS  
Raquel e Salgado: vice e diretor

## Nova diretoria em Assis

A Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis teve sua diretoria renovada. No último dia 23 de novembro, numa pequena cerimônia realizada na Reitoria, em São Paulo, foram empossados os professores Antônio Quelce Salgado e Raquel Lazzari Leite Barbosa, nos cargos de diretor e vice-diretora, respectivamente. Eles substituem o diretor Carlos Erivany Fantinatti e a vice, Ilda Aparecida Caruso.

Na ocasião, Salgado destacou que, entre as principais diretrizes de sua gestão, estão a participação da comunidade local em cargos administrativos, a conclusão de obras já iniciadas no câmpus e a ampliação do espaço físico. "Prendo terminar o prédio da História, que vai liberar várias salas de aula para outros cursos, construir uma área para a realização de atividades esportivas e agilizar o funcionamento do restaurante universitário", enumerou.

**Antônio Quelce Salgado**, 63 anos, nasceu em Castro, Paraná. Em 1956, formou-se em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná, em Curitiba, e, no ano seguinte, especializou-se em Genética Humana. Ingressou na UNESP em 1962, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Em 1967, defendeu tese de doutorado em Genética Médica. De 1980 a 1986, foi chefe dos Departamentos de Psicologia Geral e Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Nessa época, fundou o curso de pós-graduação em Psicologia. Entre 1986 e 1990, foi diretor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca e até a data da posse era coordenador do curso de pós-graduação em Psicologia da FCL/Assis.

PESQUISA

# Médicos e drogas

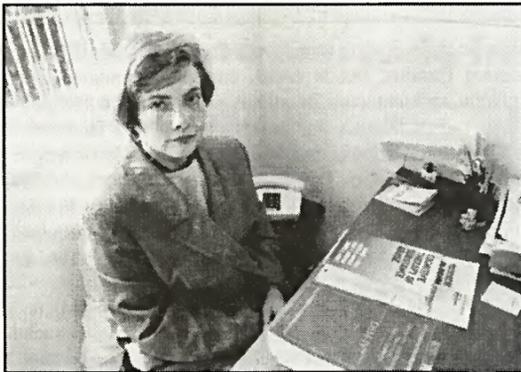
## Uso de entorpecentes é preocupante

Uma pesquisa realizada, em 1994, em nove faculdades de Medicina paulistas (\*) sobre os hábitos de seus estudantes promete transformar-se no mais importante subsídio para a implantação de programas educativos que previnam o uso de entorpecentes entre futuros médicos. "Exatos 3.725 alunos do 1º ao 6º ano de nove faculdades paulistas responderam a um questionário, mencionando o uso de bebidas alcoólicas, maconha, cocaína ou solventes", conta a psiquiatra Florence Kerr Corrêa, do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu. Entre os dados levantados, considerou-se particularmente alarmante o consumo de calmantes e anfetaminas entre os alunos (veja quadro abaixo). "O uso dessas drogas tende a aumentar nos dois últimos anos de faculdade, sobretudo devido à tensão dos plantões e ao acesso facilitado desses estudantes aos medicamentos", avalia a especialista.

Florence foi uma das coordenadoras da pesquisa e a responsável, na FM, pela aplica-

ção dos questionários. "Baseados também em estudos internacionais, concluímos que estudantes e profissionais de Medicina, apesar da dedicação quase integral à vida acadêmica e das características de sua profissão, não são diferentes de seus colegas de outras carreiras quanto aos hábitos relacionados às drogas", declara. "Nossa estratégia será, portanto, baseada em trabalhos de prevenção."

Espera-se, na FM, que, após a divulgação da pesquisa em publicações científicas, o Centro de Apoio ao Estudante, órgão vinculado ao Conselho de Graduação, que presta assistência emocional aos alunos, seja oficializado. "A partir daí, poderemos programar cursos e seminários, contratar novos profissionais e promover mais atividades de lazer para nossos estudantes", explica Florence. Valéria Rocha Gomes, 22 anos, quintanista da FM, acredita que a comunidade estudantil é sensível a campanhas educativas: "A cada ano temos tido menos colegas fumantes, devido também aos esclarecimentos veiculados pela mídia e em palestras na faculdade", afirma.



PREVENÇÃO  
Florence Corrêa: pesquisa em nove faculdades

### CONSUMO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES PAULISTAS DE MEDICINA

Droga	FM Botucatu	Pesquisa geral
Álcool	50% (23% mais de uma vez por semana)	42% a 50% consomem (23% a 31% mais de uma vez por semana)
Cigarro	7% consomem (2% usam diariamente)	7% a 13% consomem (2% a 5% usam diariamente)
Solventes	8% consomem (30% já experimentaram)	7% a 12% consomem (38% já experimentaram)
Maconha	6% consomem (17% já experimentaram)	6% a 16% consomem (31% já experimentaram)
Tranqüilizantes	3% consomem (3% já experimentaram)	2% a 8% consomem (13% já experimentaram)
Cocaína	0,5% consome (3% já experimentaram)	0,2% a 4% consomem (7% já experimentaram)
Anfetaminas	1% consome (6% já experimentaram)	0 a 1% consome (16% já experimentaram)

\*Pesquisa realizada nas Faculdades de Medicina da UNESP, USP, Unicamp, ABC, Universidade de Marília, Universidade de Santo Amaro, Regional de Medicina de São José do Rio Preto, Santa Casa de São Paulo e Escola Paulista de Medicina.



PARCERIA  
O diretor Vogt, na reunião: aumento das relações universidade-empresa

## De mãos dadas com a iniciativa privada

O conselho deliberativo do Fórum Permanente das Relações Universidade-Empresa, Uniemp, reuniu-se, no último dia 9 de novembro, no auditório do Conselho Universitário da Reitoria da UNESP, em São Paulo, para exposição do relatório de suas atividades em 1995. O encontro, que pela primeira vez aconteceu em uma universidade, contou com representantes da UNESP, USP, Unicamp, UFSCar, Fapesp e de empresas conveniadas com a instituição, como Sadia, Aços Villares e Siemens. "Neste ano, além

do aumento substancial do número de parcerias, como as firmadas com a Itaútec-Philco, Universidade de Ribeirão Preto e Credicard, demos uma nova dimensão aos nossos serviços de consultoria por meio da Internet", frisou Carlos Vogt, diretor executivo do Uniemp. Após a aprovação do relatório, o reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo, fez uma exposição sobre os 20 anos da Universidade, acentuando o potencial da instituição em interagir com os setores produtivos privado e público.

RESUMO

ENSINO E PRÁTICA DA ODONTOLOGIA

Educação e Saúde em Odontologia — Ensino da prática e prática do ensino é o mais recente livro do cirurgião-dentista Antônio César Perri de Carvalho, professor de cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araçatuba. Na obra, Perri trata da relação entre ensino e prática da Odontologia no Brasil, da sua evolução e do desenvolvimento da ciência e da tecnologia na área. "Tento, no livro, transmitir um pouco da minha experiência como professor e profissional", afirma Perri, que também é ligado ao Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da USP. Dirigido a professores, profissionais e alunos em fase de conclusão de curso, o livro tem 93 páginas, custa R\$ 10,00 e pode ser encontrado na livraria Editora Santos, à rua Dona Brígida, 691, Vila Mariana, São Paulo. Os pedidos podem ser feitos pelo telefone (011) 574-1200 ou pelo fax (011) 573-8774. Este é o segundo livro de Perri de Carvalho. O primeiro, escrito em parceria com Tetuo Okamoto, também da FO, é *Cirurgia Bucal — Fundamentos experimentais para a clínica*.

ANESTESIA PROGRAMADA

Uma das etapas mais difíceis no processo de aplicação de anestésicos é determinar, com precisão, a quantidade de produto e os intervalos de sua administração ao paciente. A Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu vem usando um método que promete revolucionar o setor. Um programa de computador desenvolvido pelo anestesiológico Pedro Thadeu Galvão Viana, do Departamento de Anestesiologia da FM, resolve, em poucos minutos, a equação. "É um sistema simplificado, rápido e econômico, que dispensa cálculos e evita o desperdício de medicamentos", avalia Viana. O trabalho valeu ao anestesiológico o Prêmio "Oscar Figueiredo Barreto", um diploma entregue em outubro último pela Associação Paulista de Medicina a médicos do Estado que mais se destacaram em pesquisas no ano. O método foi aperfeiçoado em parceria com o engenheiro Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho, do Departamento de Energia da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Guaratinguetá, e levou um ano para ser concluído.

NESTE CALOR, UMA ANTÁRTIDA

Este verão reserva uma verdadeira gelada para o geofísico Clóvis José, do Departamento de Física do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro. A partir de 26 de dezembro, durante 75 dias, o especialista integrará a equipe da Expedição Glaciológica Internacional, do Programa Antártico Brasileiro (Proantar). A jornada prevê a travessia da calota de gelo da Ilha Rei George, a partir da Península Fildes, na Antártida, para uma série de estudos glaciológicos. A equipe conta com estudiosos da Alemanha, Rússia, França, Argentina e Chile e das universidades federais do Rio Grande do Sul e do Paraná, além de representantes do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. O trabalho de Clóvis José, que já participou de expedições científicas à Antártida em 1987 e 1991, será centrado na determinação da espessura do gelo pelo método de indução eletromagnética. "Vamos estudar o comportamento das geleiras e obter amostras de gelo para identificação de poluentes, cruzando essas informações com as avaliações anteriores de outros pesquisadores", explica o geofísico. "As camadas de gelo podem nos mostrar, por exemplo, o efeito de testes nucleares e os índices de destruição da camada de ozônio."

ESPECIALIZAÇÃO NA ALEMANHA

Se você considera ter esgotado, no Brasil, as possibilidades de aperfeiçoamento em sua área, e pretende obter uma bolsa de estudos para o exterior, esta pode ser a sua chance. O Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico acaba de abrir as inscrições para candidatas a bolsas que queiram especializar-se em universidades alemãs. As bolsas são concedidas em nível de pós-graduação para todas as áreas do conhecimento. Nas áreas de Medicina, Música e Belas Artes não serão exigidos os mestrados. As bolsas abrangem o período que vai de 1º de abril de 1997 a 31 de março de 1998, e são prorrogáveis. Os valores mensais ficam entre 1.150 e 1.600 marcos (cerca de R\$ 900,00 a R\$ 1.200,00). O prazo para as inscrições vai até 30 de março de 1996. Maiores informações, no Consulado Geral da República Federal da Alemanha, com Annetret, pelo telefone (011) 814-6644, entre 8h e 11h30.



# Do Ipiranga para o Vaticano

Grupo vocal do Instituto de Artes lança CD e se apresenta em Roma e em Milão

Nos primeiros dias de 1996, os habituais freqüentadores da Missa das Glórias, que ocorre tradicionalmente nesta época do ano, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, Itália, serão presenteados com composições inéditas de um dos maiores músicos do período colonial brasileiro: André da Silva Gomes. Descoberto por pesquisadores da UNESP na década de 60, o regente e compositor português, que viveu em São Paulo entre 1774 e 1823, trabalhando como mestre-de-capela na Catedral da Sé, teve 130 partituras, entre salmos, ofertórios e missas, todas para coral, resgatadas e restauradas pelo maestro Régis Duprat, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA).

Em dezembro do ano passado, quinze músicas de Gomes foram gravadas no CD *André da Silva Gomes* pelo *Brasilessentia Grupo Vocal*, formado por 11 cantores, entre alunos e ex-alunos do IA, além de alguns outros artistas, regidos pelo maestro Vitor Gabriel, professor de Música e Estética Musical do Instituto, que ajudou a transcrever vários manuscritos.

## ROMA E MILÃO

No início de janeiro, Gabriel e os integrantes do coral viajam para a Itália, a convite do Vaticano, para a apresentação de quatro concertos, três em Roma e um em Milão, com as obras de André da Silva Gomes. Na ocasião, serão divulgadas peças do segundo CD do compositor português, *Música do Brasil Colonial*, produzido pela gravadora Paulus e lançado no último dia 4 de dezembro, no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo. "Mandei o disco para a Seção de Música do Vaticano e eles gostaram muito da obra do André, que sequer conheciam", explica Gabri-



O maestro Gabriel, à frente do *Brasilessentia*: Missa das Glórias

Monica Richter

el. "O nível artístico do trabalho dele é realmente indiscutível."

Ainda de acordo com Gabriel, o segundo disco apresenta novidades em relação ao primeiro. As gravações foram feitas no estúdio Vice-Versa, em São Paulo, com direção artística de Régis Duprat e, além da melhoria técnica e musical e da participação do coral *Brasilessentia*, o novo CD contou com a colaboração de uma Orquestra de Câmara, especialmente montada pelo maestro para a gravação.

"É um excelente grupo, formado por músicos das Orquestras Sinfônicas do Municipal, do Estado, USP e Unicamp e do Quinteto de Metais, da UNESP", diz. "Escolhi instrumentistas consagrados, com especialização no barroco." Entre os músicos, Gabriel cita o tocador de fagote José Eduardo Flores, da Orquestra Sinfônica Municipal, e o cravista Edmundo Hora, da Orquestra Sinfônica de Campinas. A organista continua sendo Elisa Freixo, da igreja Sé de Mariana, Minas Gerais. O segundo

CD saiu com tiragem de mil unidades, e já foram encomendados outros mil. "Só a Anhembi Turismo nos solicitou 400 CDs", comemora Gabriel. O repertório de *Música do Brasil Colonial* inclui *Missa a 5 vozes*, desdobrada em dez segmentos, datada de 1831 e transcrita por Vitor Gabriel, e *Noturnos de Natal* (1774), assim batizados porque eram executados na madrugada do Natal e que contém oito séries de versículos, cantados alternadamente pelo coro e pelos solistas.

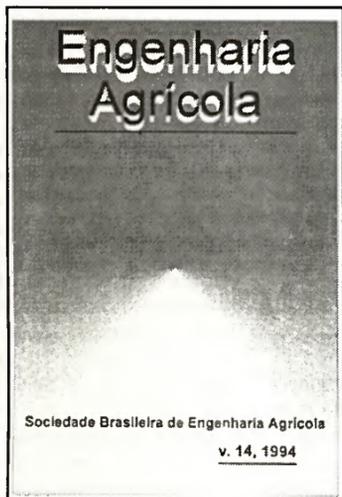
## AGRICULTURA

# Em se plantando, dá

UNESP preside Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola

Para ela, não há entressafra. Chova ou faça sol, a agricultura brasileira sempre esteve entre as mais produtivas do mundo. Parte desse sucesso se deve, sem dúvida, à atuação da Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola (SBEA), entidade sem fins lucrativos, com caráter técnico-científico, que reúne pesquisadores, professores, técnicos e outros profissionais ligados à agronomia. Agora, e nos próximos dois anos, os rumos da entidade serão norteados, em grande parte, pela UNESP. Em julho último, na eleição bial, foram escolhidos os 25 membros diretores da sociedade, oito deles docentes da Universidade (\*). Para a presidência da entidade foi encaminhado o engenheiro agrônomo Sérgio Hugo Benez, do Departamento de Engenharia Rural da Faculdade de Ciências Agrônomicas do campus de Botucatu. "Com essa diretoria, vamos poder presidir a SBEA com maior autonomia", acredita Benez, que pretende atuar sobretudo no apoio à pesquisa e na divulgação dos trabalhos na área de engenharia voltados para a agropecuária.

Fundada em 1965, na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), em



REVISTA *Engenharia Agrícola*, da SBEA

Piracicaba, desde 1986 a SBEA mantém sua sede no campus de Jaboticabal. Conta com um acervo de quatro mil trabalhos na área de engenharia rural que, em breve, poderá ser acessado, via Internet, por alunos e professores da UNESP, e edita a revista trimestral *Engenharia Agrícola*. Em julho do próximo ano, a entidade realizará dois eventos: o XXV Congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola e o I Congresso Latino Americano de Engenharia Agrícola. No primeiro, será traçado um paralelo entre o que se faz no

Brasil e no mundo, em termos de engenharia rural, com participantes da Argentina, EUA, Inglaterra, Espanha e Itália. No segundo, serão discutidos e criados os estatutos da Sociedade Latino Americana de Engenharia Agrícola, fundada no ano passado, no Chile.

(\*Além do presidente, Sérgio Hugo Benez, ocupam cargos diretores na SBEA os seguintes docentes: Walter Francisco Molina Júnior (Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do campus de Jaboticabal); Walter Politano (FCAV); Adhemar Pitelli Milani, (FCAV); José Renato Zanini (FCAV); Lincoln Gehring Cardoso e Ulisses Rocha Antunias (Faculdade de Ciências Agrônomicas do campus de Botucatu); e José Carlos Martinez (Faculdade de Engenharia e Tecnologia do campus de Bauru).



## MODA

# A garota da capa

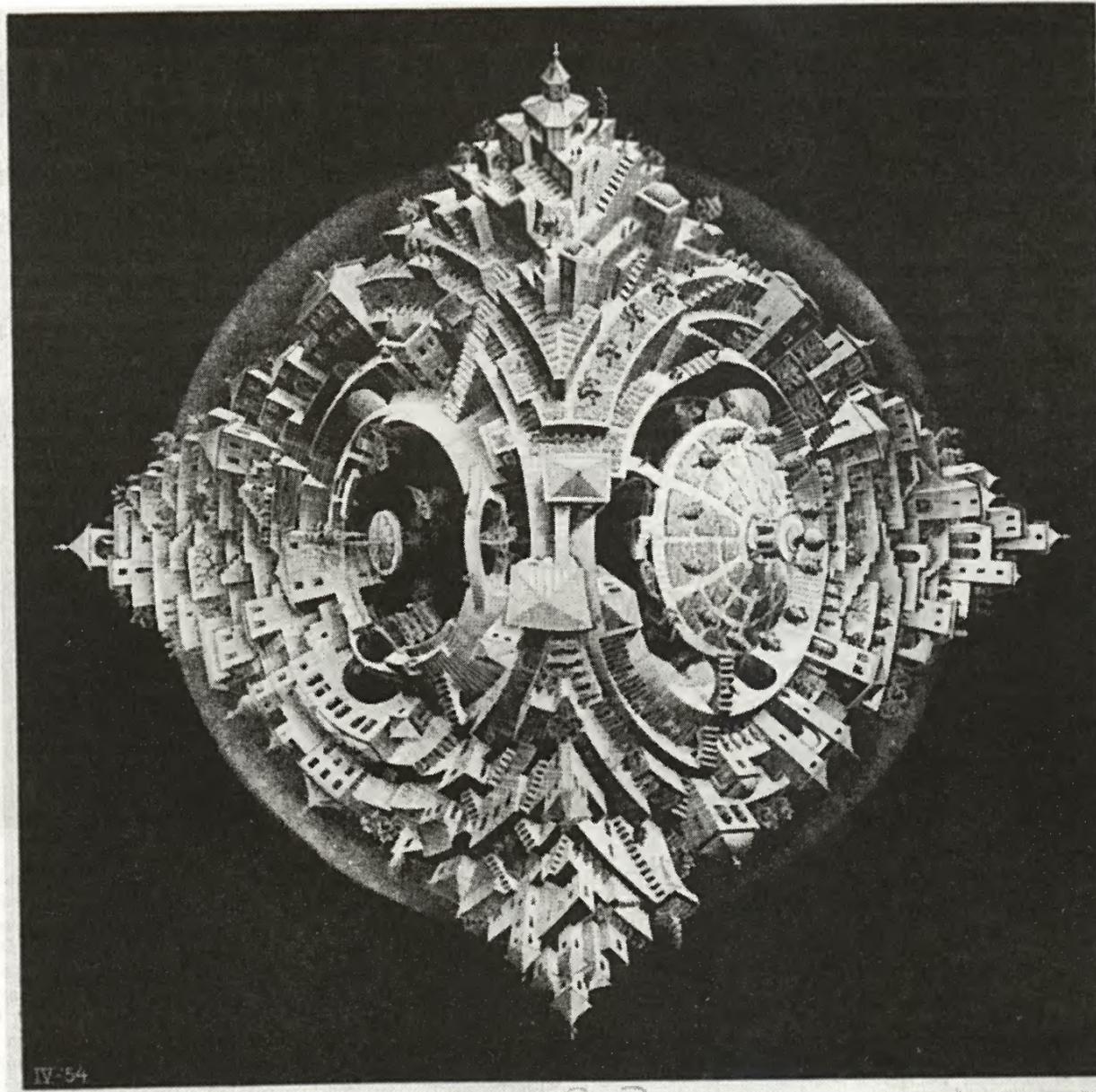
Eravam mais de mil concorrentes de todo o País, alguns deles, inclusive, com o nome já estabelecido no firmamento da alta costura brasileira. Mesmo assim, Patrícia Teles não se deixou intimidar. Aos 25 anos, aluna do 1º ano de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do campus de Bauru da UNESP, foi à luta. Tesoura e agulha nas mãos, acabou vencendo o concurso nacional "Mostre seu Talento", promovido pela revista *Moda Moldes*, da Editora Globo. O resultado de seu trabalho — um vestido

curto, para verão, de cetim, na cor pistache, com decote longo, cavas profundas e gola chinesa — pode ser visto na capa da edição de janeiro da revista, envergado por ninguém menos que Luiza Brunet. Patrícia, que não tinha qualquer experiência anterior como estilista, foi encontrar inspiração para seu modelo no cinema e em alguns livros. "Embora eu desenhe desde pequena, a premiação foi uma total surpresa", diz a estudante, que pretende seguir carreira na publicidade. "É na propaganda que me realizo totalmente."



Patrícia e a capa de *Moda Moldes* (acima): inspiração no cinema

Morett Jr.



# Viva a sociedade alternativa

**Em oposição ao modelo fordista, predatório, o autor propõe a utilização de energias não fósseis, renováveis, e prega uma "revolução solar".**

ISABEL MARIA LOUREIRO

A questão ecológica terá solução no âmbito do capitalismo? Será possível unir desenvolvimento e ecologia, como se acreditava no início dos anos 70? Ou, em termos mais contundentes, haverá alguma possibilidade de civilizar o capitalismo? No seu livro *O Preço da Riqueza* (em excelente tradução de Wolfgang Leo Maar), o professor Elmar Altwater, da Universidade Livre de Berlim, responde negativamente a todas estas indagações.

Se Altwater encara de forma tão pessimista a onda modernizadora neoliberal é porque analisa a (des) ordem mundial contemporânea de um ponto de vista totalizante, que lhe permite compreender as desigualdades entre Norte e Sul como necessariamente constitutivas da lógica do desenvolvimento capitalista. Mas, embora defenda as "grandes teorias" sociais, reconhece que elas não podem limitar-se a reproduzir velhas categorias. Retomando a teoria marxista de forma inovadora, Altwater considera necessário construir um "novo discurso", "novas distinções" (o que faz aplicando às ciências sociais os conceitos de entropia e sintropia da termodinâmica) que dêem conta dos múltiplos processos de desenvolvimento no final de século XX. Uma dessas facetas é a questão ecológica, que, para ele, só pode ser tratada como questão social.

A tese central do livro é a de que a sociedade industrial esgota de tal forma os recursos naturais do planeta que se o modelo de desenvolvimento fordista, baseado na exploração dos recursos minerais e das energias fósseis, fosse estendido à Terra inteira, provocaria um "colapso do sistema ecológico global, com conseqüências sociais imprevisíveis". De maneira abrangente e detalhada, o livro expõe o modo como as energias e matérias-primas são internacionalmente reguladas, com o objetivo de permitir o aumento da produtividade e do bem estar, inteiramente canalizado para os países do Norte: "a riqueza das nações no Norte condiciona a miséria das nações no Sul".

É lugar comum no debate ecológico dizer que a humanidade precisaria de cinco globos terrestres se o mundo inteiro pudesse imitar o gasto de energia e matérias-primas de um cidadão dos EUA ou da Europa. "Como a vida de todos os homens se encontra na biosfera e

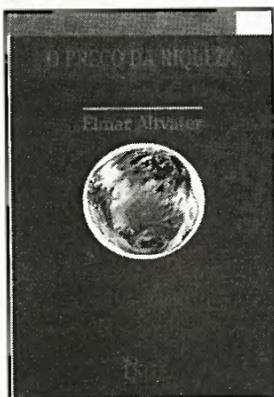
na esfera abiótica do planeta Terra e como essas esferas formam um sistema ecológico global, o aproveitamento econômico dos recursos naturais tem conseqüências globais." No Sul, por uma série de razões extensamente analisadas, o desenvolvimento é bloqueado, aumentando a distância entre riqueza e pobreza, não apenas no plano global, mas também no plano nacional. O mundo unificado é, na realidade, um mundo dividido, onde sempre haverá

ganhadores e perdedores, caso o modelo de desenvolvimento fordista-fossilista não seja substituído: "numa sociedade mundial capitalista, é inevitável a simultaneidade de desenvolvimento e subdesenvolvimento, de riqueza e miséria, seja no plano global, seja no âmbito das nações". Ou, dito de maneira sucinta: "Dr. Jekyll e Mr. Hide são uma e mesma pessoa". Por isso mesmo, "não é possível abrir mão da tese de que a humanidade só tem uma chance de sobrevivência se desenvolver modos de regulação que apontem para além do capitalis-

mo fordista — sejam ou não designados de socialistas, esta é uma questão secundária".

Altwater conclui seu livro defendendo como alternativa ao modelo dominante de acumulação e ao modo de vida reinante nos países industriais fordistas o que denomina de "sociedade solar". Evidentemente, a utilização de energia solar, ou seja, de energias não fósseis, renováveis, é incompatível com o fordismo. Essa nova sociedade só poderá surgir juntamente com um "modo de produção e de vida solar", o que significa que a utilização da energia solar só pode ter êxito se, junto com as "técnicas para a coleta da energia solar, surgirem as instituições econômicas e sociais, um sistema político e normas comportamentais de uma sociedade solar". Da Revolução Industrial até o auge do fordismo passaram-se 200 anos: um curto período de tempo em que foram gastos recursos fósseis lentamente acumulados em muitos milhões de anos e que correm o risco de se esgotar em breve. A "revolução solar" precisa acontecer logo, sob pena de encontrar uma "Terra desabitada".

Isabel Maria Loureiro é professora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília e autora de *Rosa Luxemburg, os dilemas da ação revolucionária* (Editora UNESP).



*O Preço da Riqueza*, de Elmar Altwater. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Editora UNESP; 333 págs.; capa de Lucio Kume; R\$ 26,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.



**ARAÇATUBA**

4 a 8/12. 2ª Semana de Divulgação Científica do Curso de **Medicina Veterinária**. Apresentação de trabalhos em painéis e palestras, às 20h. Os painéis ficarão expostos durante a semana no Departamento de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia (FO). Informações (018) 622-4542 e 622-8617.



**ARARAQUARA**

1/12. Dia Mundial de **Luta Contra a Aids**. Evento comunitário com distribuição de folhetos na cidade, colocação de cartazes nos ônibus e palestras na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Promoção dos núcleos de Hematologia e Hemoterapia e de Atendimento à Comunidade da FCF. Informações (016) 232-1233, ramal 142.

4 a 8/12. "Tópicos especiais: utilização do espalhamento de raios-X a baixo ângulo na **caracterização de materiais**". Minicurso que será ministrado em tempo integral por Claudine Williams, especialista francesa, Sandra Helena Pulcinelli e Celso Valentim Santilli. Informações (016) 232-2022, ramal 115.

**ASSIS**

15/01 a 15/03. Inscrições para o XIII Encontro Regional da Associação Nacional dos Professores Universitários de **História**, que acontecerá de 2 a 5 de setembro de 1996. O tema será "São Paulo: percursos históricos e historiográficos". Entre as atividades, estão previstas conferências, *workshops*, cursos e comunicações de pesquisa. Informações (0183) 22-2933, ramal. 128.

**BAURU**

4 a 8/12. "Fundações em **solos colapsíveis**". Curso de exten-

**AGENDA**

RELAÇÃO DE EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES DURANTE OS MESES DE DEZEMBRO E JANEIRO

**Programão: carregar pedras nas férias**

**D**escansar carregando pedras. É esta, em síntese, a idéia do IV Curso de Verão "Introdução à Arqueologia Brasileira", que acontecerá entre 22 de janeiro e 7 de fevereiro na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) do câmpus de Presidente Prudente. Mas em plenas férias? Exato. Antes, porém, de torcer o nariz diante da perspectiva de trocar a badalação das praias por um roteiro de 13 dias debruçado sobre rochas e pedras, conheça o programa. Afinal, o que pode haver de mais emocionante do que resgatar, em meio à poeira do esquecimento, fragmentos esquecidos da história?

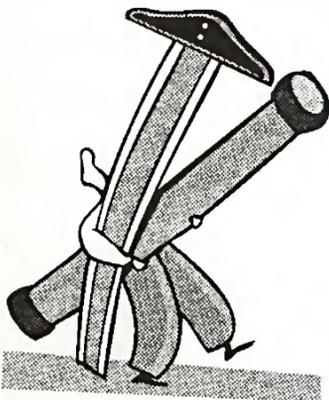
O curso, com 20 vagas, é aberto a estudantes e recém-formados da UNESP, de qualquer área. "A idéia é repassar noções básicas de arqueologia para os alunos interessados em aplicar esses conheci-



**HISTÓRIA SUBTERRÂNEA**  
Curso de verão: Introdução à Arqueologia Brasileira

mentos em suas respectivas áreas de atuação", explica a arqueóloga Ruth Kunzli, coordenadora do curso e subchefe do Departamento de Planejamento da unidade. Segundo Ruth, em anos anteriores o curso foi procurado por alunos de Ciências Sociais, Engenharia Cartográfica, Geografia e História dos câmpus de Araraquara, Assis e Presidente Prudente. "Como re-

sultado, já foram realizados três mestrados e um doutorado em "arqueologia", conta. O curso será ministrado, em período integral, por professores dos Departamentos de Ciências Ambientais, Engenharia Cartográfica e Planejamento da FCT e abordará disciplinas como geologia, topografia, desenho, datação e pedologia (estudo dos solos), entre outros. Os alunos aprenderão a fazer análise tecnológica de pedras e artefatos de cerâmica com idades entre mil e sete mil anos, encontrados na região de Prudente, e visitarão sítios arqueológicos. Neste ano, haverá uma novidade: os participantes terão noções de sensoriamento remoto em arqueologia. As inscrições poderão ser feitas entre 3 e 18 de janeiro, pelo telefone (0182) 21-5388, ramal 271. A taxa é R\$ 4,00 e os alunos poderão hospedar-se nos alojamentos do câmpus.



Falcondes José Mendes de Seixas e Sérgio Korokawa. Das 8h às 18h, no Laboratório de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia (FE). Informações (018) 762-2125, ramal 22.

**JABOTICABAL**

1/12. Curso: "**Minhocultura** — Da Produção à Comercialização do Húmus". Das 9h às 10h30, "Construção e manejo de minhocário", por Ângelo Artur Martinez. Das 10h30 às 12h, "Projeto nacional sobre minhocultura e sua relação com o meio ambiente e uso da torta de filtro na produção de húmus", por Manuel Tablas. Das 14h às 15h, "Comercialização do húmus", por João Cunha. Das 15h às 15h30, visita técnica a uma propriedade rural. No Centro de Convenções da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (016) 323-1322.

5 a 7/12. Curso de Reciclagem em **Cirurgia na Espécie**

**Bovina**. Dia 5, das 8h30 às 12h, "Afecções cirúrgicas do trato digestivo de bovinos". Das 14h às 18h, demonstração prática, por José Wanderley Cattelan. Dia 6, das 8h às 12h, "Afecções cirúrgicas dos órgãos genito-urinários dos machos". Das 14h às 18h, demonstração prática, por José Antonio Marques. Dia 7, das 8h às 12h, "Patologias da gestação". Das 14h às 18h, demonstração prática, por Gilson Hélio Toniollo. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações (016) 323-1322, ramais 224 e 230.

12 e 13/12. Curso: "A Cultura do **Coqueiro** no Estado de São Paulo". Dia 12, das 9h às 12h, palestra sobre propagação, tratos culturais e colheita do coqueiro, por Egídio Ferrari. Das 14h às 15 horas, "Comercialização do coqueiro", por Paulo Rui de Faria Pacheco. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Dia 13, parte prática, das 6h às 11h30, visitando dois sítios em Monte Azul Paulista. Informações (016) 323-1322.

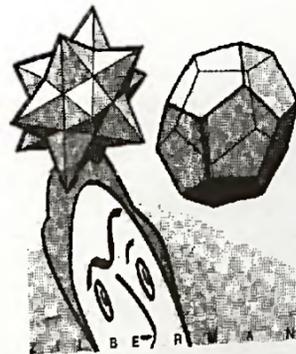
**S. J. RIO PRETO**

1 a 22/12. Projeto Universidade da **Terceira Idade**, que compreende diferentes cursos de extensão universitária voltados aos idosos. No sábado, dia 2, das 8h30 às 11h30, "Iniciação à língua francesa", na sala 13 do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice), "Iniciação à língua italiana", das 8h30 às 11h30, na sala 19, e "Inglês para viagens", das 8h30 às 11h30, na sala 11. Na segunda-feira, dia 4, das 14h às 16h, "Iniciação à língua espanhola", por Maria Helena Vieira Abrahão, na sala 20. Às quartas-feiras, das 16h às 18h, "Língua Inglesa", por Deusá Maria de Souza, na sala 4. Às sextas-feiras, das 14h às 16h, "Estrutura e função de folhas e flores", por Elenice de Cássia Conforto, na sala 10.



**SÃO PAULO**

7/12. Seminário sobre o **Levante Comunista de 1935**. Às 14 horas, depoimentos de Sarah Mello e Noé Guertel, militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na época do levante. Às 15h30, exposição sobre os 60 anos do movimento comunista pelos professores João Martin de Moraes (Unicamp), Marly Vianna (Universidade Federal de São Carlos) e Marcos Del Roio, da FFC/Marília. Na sede do Centro de Documentação e Memória (Cedem), Praça da Sé, 108, 1º andar.



# Testemunho impresso

Em dez anos e cem edições, o **Jornal da UNESP** mapeia a trajetória da Universidade rumo à sua vocação democrática de ensino, pesquisa e extensão à comunidade

JOSÉ ROBERTO FERREIRA

Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos da América de 1801 a 1809, gostava de escrever sobre a liberdade. Foi ele quem redigiu a declaração de independência de seu país, em 1776. Já no ano seguinte, em janeiro, em carta ao amigo Edward Warrington, dizia: "Se dependesse de decisão minha termos um governo sem jornais ou jornais sem um governo, não hesitaria um momento em preferir a segunda alternativa".

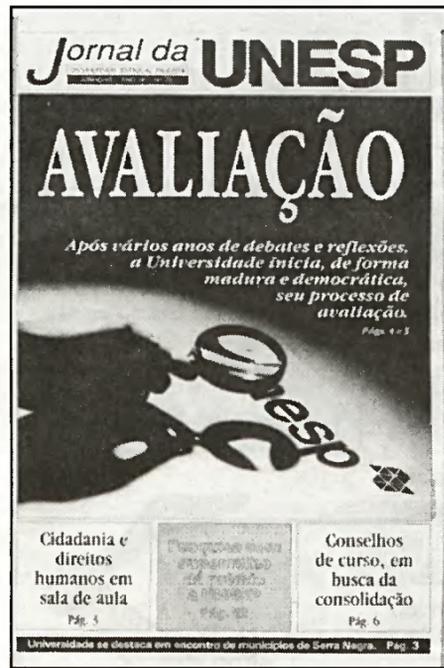
À exceção de brutamontes que tomaram o poder à força e de "liberais", "democratas", "nacional-socialistas" etc que viraram a casaca de ferro depois de eleitos e impuseram à imprensa alguma forma de silêncio, o que os governos preferiram foi, como gostava Jefferson, coexistir com os jornais. Não que isso se refira a ato de generosidade para com a imprensa, mas trata-se, sim, de uma exigência fundamental da democracia: não é possível haver regime de liberdade sem meios formais e públicos para as pessoas exprimirem idéias, para comunicação entre diferentes segmentos nos quais a sociedade expressa sua organização e, claro, para que os cidadãos saibam o que andam fazendo seus governantes.

Como se vê, a opção de Jefferson faria com que ele tivesse de mudar de país caso, por exemplo, residisse no Brasil durante os anos do Estado Novo de Vargas (1937-1945) ou da ditadura militar (1964-1984), períodos em que o governo achava que a melhor utilidade dos jornais seria embulhar peixe ou coisas do gênero. Por outro lado, Jefferson iria não só perceber que a sua questão tornara-se anacrônica nos Estados regidos pela democracia, mas também teria uma boa surpresa ao verificar que outras instituições, com estrutura de poder definida e exercida por regras democráticas, passaram a ter os seus próprios jornais.

Este Jornal, que completa agora sua centésima edição, surgiu exatamente nesse contexto. Assim como ocorreu na sociedade brasileira em geral, foi no ano de 1985 que a UNESP começou a construir as bases da sua estrutura democrática em vigor. A edição número zero, de junho daquele ano, estampa como manchete de capa, não por acaso, o Congresso de Reestruturação da Universidade, primeiro evento político-acadêmico levado a efeito na UNESP, que reuniu professores, alunos e funcionários de maneira ampla e representativa.

Não é exagero afirmar que somente em 1985, após nove anos de sua criação, a UNESP começou a existir não só como universidade, mas como universidade democrática e, vamos assim dizer, socialmente engajada. Foi há cerca de dez anos que as faculdades e institutos passaram a atuar como partes de um corpo maior, que o conjunto de professores, alunos e funcionários assumiu as feições de uma comunidade universitária, e que a Universidade passou a funcionar como instituição integrada em si e decididamente articulada com a sociedade em sentido amplo. Portanto, algo natural nesse estado de coisas que a UNESP criasse o seu jornal, inclusive antecipando-se às co-irmãs Unicamp e USP, que viriam a fazê-lo quando também atingiram estágio semelhante de democratização.

Assim, nesse período de dez anos e meio, é bom ver que a UNESP consolidou seu modelo, pouco usual neste País, de universidade multicâmpus, com uma ativa participação da comunidade e tendo contado com um jornal para registrar os principais acontecimentos.



cou-se especialmente àquilo que mais transpirava na UNESP — a definição de regras internas de funcionamento institucional, que levou à elaboração do novo Estatuto. Nesse período, os editoriais, os artigos assinados e as entrevistas com personalidades da vida acadêmica nacional se sobrepujaram às reportagens. Foi razoavelmente intensa também a atenção dada às questões relacionadas com o ensino público e gratuito, um compromisso óbvio para uma universidade pública mas que fora, em anos anteriores, conduzido na contramão, com fechamento sumário de cursos de graduação.

A partir de 1989, o Jornal começou a equilibrar os pesos entre os assuntos de fundo, objeto de editoriais e artigos, e os assuntos mais gerais da Universidade, tratados na forma de notícia e de reportagens. É saudável lembrar que foi nesse momento que a UNESP, já tendo definido sua nova estrutura, começou a construir a identidade de universidade multicâmpus, tarefa que teve início mas que certamente nunca terá fim e da qual estas páginas, obrigatoriamente, sempre estarão a serviço.

Já nos últimos três anos, o Jornal pôde inverter os pesos em relação à sua fase inicial. Os editoriais foram abolidos e as entrevistas "pingue-pongue", com perguntas e respostas encadeadas, ocorrem eventualmente; em contrapartida, o noticiário geral ganhou mais atenção, o mesmo acontecendo com os trabalhos de pesquisa. E mais: assuntos candentes passaram a receber tratamento especial, sempre considerando os quadros da UNESP, notadamente o docente, fontes privilegiadas de informação e discussão.

Embora esse perfil editorial seja mais trabalhoso para a Redação, pois exige aprofundamento nos temas, pesquisas, textos mais elaborados etc., tem proporcionado, dentro e fora da Universidade, críticas favoráveis e levado colegas da imprensa em geral a basear-se no **Jornal da UNESP** para pautar matérias em seus veículos. Foi nesse período que ocorreram mudanças expressivas também no campo das artes gráficas: em junho de 1993, o formato tablóide foi substituído pelo atual, germânico, que permite uma diagramação mais arejada, e o papel passou de jornal para este, *off-set*. Em março de 1994 foi introduzida, além do preto, mais uma cor, que é alterada a cada edição.

Por fim, vale observar que, quando se está falando da história deste Jornal, é necessário deixar claro que ele é parte de um conjunto maior — a Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria, ACI, onde são desenvolvidas várias outras atividades igualmente voltadas para a divulgação da UNESP. Mas esse é assunto para outro momento. Agora, e depois dessa trajetória de cem edições, dá para concluir, modestamente, que um jornal, de fato, não é fundamental para uma universidade, já que a consecução de suas atividades-fim não tem de passar obrigatoriamente por essas páginas. Mas, com inspiração no espírito de Jefferson, conclui-se que uma universidade com um jornal é bem melhor.

No campo institucional, são exemplos abrangentes o suporte dado pelo Jornal às discussões que conduziram ao atual Estatuto, votado ao longo do ano de 1988, a cobertura dos processos eleitorais que conduziram à escolha dos dois últimos reitores e o acompanhamento dos passos dados para a efetivação da avaliação da Universidade, um trabalho em desenvolvimento.

Quando está em questão uma universidade com formato multicâmpus, é notória a importância dessas páginas para "suprimir" os quilômetros de estrada que separam as unidades entre si, separação essa que levou muita gente a desacreditar de que a UNESP um dia viesse a dar certo. Num futuro breve, com os satélites

bisbilhotando cada centímetro quadrado do Universo, é certo que as folhas de papel serão substituídas por monitores de vídeo. Mas, até lá, vamos continuar garantindo informação impressa para e sobre a UNESP, procurando com isso fazer Ilha Solteira ficar mais próxima de Guaratinguetá, São Paulo a Presidente Prudente, Franca a Bauru e assim por diante. Esta é a parte extenuante do trabalho dos profissionais que atuam no Jornal: viajar, às vezes, mais de mil quilômetros entre ida e volta para levar aos leitores uma informação significativa.

Em sua primeira fase, de 1985 a 1988, o Jornal iniciou a tarefa de superar distâncias entre os câmpus, como já foi dito, mas dedi-

